

# Como vender o atraso como produto novo

» JAIME PINSKY

Historiador e editor, professor titular da Unicamp, doutor e livre docente da USP e escritor

Quando em 1947, a ONU, em Assembleia Geral presidida pelo brasileiro Oswaldo Aranha, votou pela partilha de uma pequena faixa de terra habitada por judeus e árabes, criou a possibilidade do surgimento de dois Estados vizinhos e independentes. Não é verdade, portanto, que a organização internacional tenha criado apenas um Estado, como sugerem discursos enganadores que afirmam que a ONU pensou em um Estado judeu em 1947, mas não pensou em um Estado palestino. Pensou, sim. E, apenas como um detalhe, o trecho que caberia aos palestinos seria maior e mais fértil do que aquele destinado aos judeus.

A distorção dos fatos tem como objetivo culpar o Ocidente pelo fato de um país árabe não ter sido constituído naquela ocasião. O "Ocidente", nesse caso, seriam os Estados Unidos. Os norte-americanos haviam emergido da Segunda Guerra Mundial (terminada em 1945) como os principais vencedores do conflito, deixando para trás tanto a Inglaterra e a França, democracias formais, quanto a União Soviética, comunista, que tinha sacrificado bens e muita gente para derrotar a Alemanha nazista. Os EUA podem ser responsabilizados por muita coisa que aconteceu no século 20, mas não por impor um Estado judeu no Oriente Médio, que, por sinal, recebeu mais apoio da União Soviética do que dos americanos.

Os estudos sobre as origens do nacionalismo judaico estabelecem uma estreita ligação entre Israel e o judaísmo praticado na Rússia e países adjacentes. Como ocorria com outros povos não russos, os judeus sofriam perseguições terríveis, coroadas por massacres constantes. Existe bibliografia estabelecida a respeito do tema, e não

há dúvidas de que a ideia nacional judaica deve ser buscada nas difíceis condições de existência desse povo judaico na periferia do Império Russo. Não em Londres ou Nova York.

Assim, desde fins do século 19, grupos de jovens judeus, sentindo-se discriminados no Império Czarista e sensíveis aos ideais socialistas, criaram a ideia coletivista do kibutz. A Palestina, onde tinha existido o último Estado judeu independente, era o lugar para onde acorriam. Essa foi a base do Estado de Israel, não qualquer complô supostamente organizado por ocidentais contra os árabes. Não por acaso, os primeiros dirigentes do país (como Ben Gurion e Golda Meir) eram oriundos de um kibutz.

Lá, aprenderam a viver de forma modesta, sem paletó ou gravata, sem exércitos de guarda-costas e sem jantares com comidas e vinhos franceses. O despreendimento dos dirigentes, vivendo modestamente, calçando sandálias, vestindo roupas baratas e padronizadas, dispensando salamaleques, sendo tratados por "companheiro" e não por "excelência", recebendo remuneração modesta, são expressões culturais de suas crenças, de seus sentimentos mais profundos. É a mesma diferença que percebemos, agora, entre o comportamento de um líder político escandinavo, com o de um dos nossos. Nosso pretexto, é claro, é "o ritual do cargo".

No caso dos moradores do kibutz e dos senhores de terra árabes, também ocorria uma distância difícil de ser superada. Os valores da sociedade estamental em voga (senhores versus camponeses) chocavam-se com o igualitarismo dos moradores do kibutz. A distância existente entre o senhor e o camponês, entre o dono e o empregado, ficava flagrante quando comparada à simplicidade e ao igualitarismo entre os membros do kibutz, incluindo, aí, as mulheres,

com os mesmos direitos e as mesmas obrigações que os homens, algo espantoso para o local e a época. Era algo subversivo. Claro que o bom foi mostrado como ruim pelos donos do poder locais, como coisa de não árabes, de não islâmicos. Pois uma sociedade moderna e justa não interessava aos donos do poder, aqueles que não queriam mudanças em uma sociedade injusta, sustentada por uma ordem supostamente estabelecida por Alá.

Nesses mais do que 70 anos depois de sua independência, Israel ganhou fôlego, é um país moderno, criativo, que tem mais a ver, em sua dinâmica empresarial, com países do Golfo Pérsico do que com sociedades em que as mulheres são cidadãs de segunda classe, homossexuais são perseguidos, denunciados e executados, não há liberdade de imprensa, o poder político depende do amém dos aiatolás ou de outros mandatários religiosos.

Alguém tem dúvida de que o ataque assassino do Hamas privilegiando mulheres, crianças, idosos e até cadeirantes tem a ver com a aproximação de Israel com os países mais modernos do Oriente Médio? Estrategicamente, o Hamas atuou para deixar as coisas como estão nos grupos sociais em que manda, pois, assim, posam de coitados, não de inoperantes, incapazes e corruptos.

A forma como foram tratadas as mulheres israelenses demonstra a repulsa e o temor que mulheres livres provocam nos fundamentalistas do Hamas. Ao grupo político interessa manter a sociedade como se vivêssemos há 15 séculos. E pior, dependendo da esmola dada pelo mundo todo, como se a culpa do atraso e da miséria não fosse deles mesmos. É isso que o mundo quer que continue do jeito que está?

## O caminho entre dois túmulos

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF  
Jornalista

O delírio da imortalidade acompanha o homem desde que ele descobriu o poder político. Jair Bolsonaro comprometeu o Exército brasileiro pelas próximas gerações em nome de suas pequenas ambições pessoais e de suas pretensões imensas. Ele não tinha plano de governo, projeto nem competência para administrar um país complexo como o Brasil. Mas as delícias do poder inebriam, tiram o homem do sério e ele começa a sonhar com décadas de poder, mulheres, dinheiro em cascata, viagens espetaculares e nos momentos únicos criados por suas epifanias. O ex-presidente, contudo, ficará marcado a ferro por todos os tempos como responsável por um golpe de Estado fracassado. Será seu carma.

Todos os grandes líderes sonharam com a imortalidade. Na Rússia, Putin, com 71 anos, desafia os ditames da natureza. Foi reeleito para mais seis anos de mandato. Stalin, com todo o poder, morreu sozinho. Sua governanta levou um dia para reunir coragem, entrar no quarto e descobrir que o grande timoneiro estava sem vida. Vinicius de Moraes, poeta, diplomata, jornalista, poliglota, capaz de falar de coisas difíceis de maneira simples, elimina qualquer dúvida sobre o espinhoso tema. Não existe imortalidade. Ele diz: "Para isso, fomos feitos; para lembrar e ser lembrados, para chorar e fazer chorar, para enterrar os nossos mortos, por isso temos braços longos para os adeuses, mãos para colher o que foi dado; dedos para cavar a terra; assim será nossa vida, uma tarde sempre a esquecer, uma estrela a se apagar na treva, um caminho entre dois túmulos; para isso fomos feitos; para a esperança do milagre; para participação da poesia, para ver a face da morte, de repente nunca mais esperarmos". (*Poema de Natal*, Rio de Janeiro, 1946)

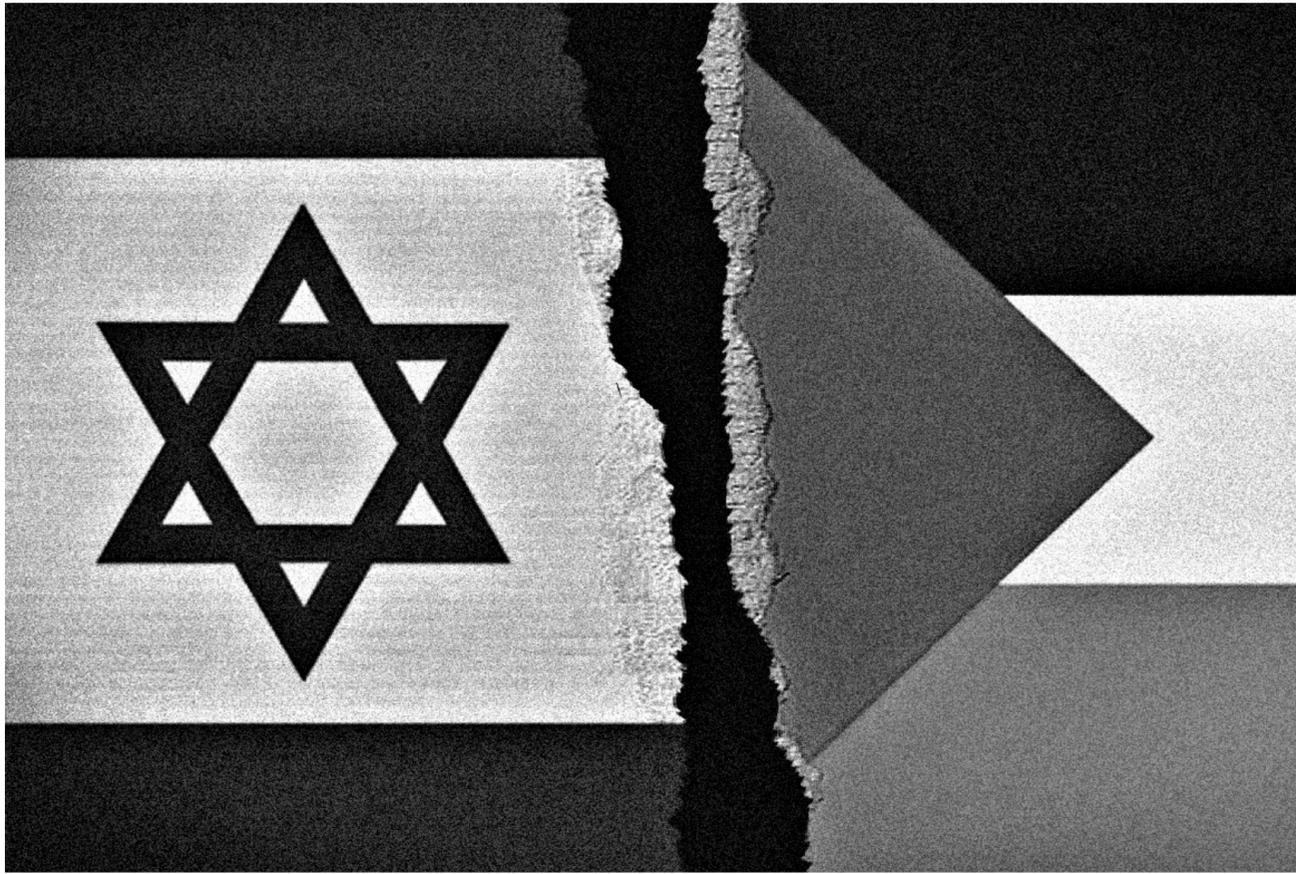
O presidente Lula tem 78 anos e mais quase três anos de mandato, sem computar a possibilidade da reeleição. O tempo é cruel. Não poupa ninguém. Chávez, o líder que tomou o poder na Venezuela, tentou de tudo para sobreviver à doença. Foi a Cuba, onde recebeu os melhores tratamentos médicos. Morreu em sua terra, e não impediu a ascensão de um condutor de metrô de Caracas. Nicolás Maduro está esticando o tempo até o limite do impossível. Ameaça uma invasão aqui, faz um acordo acolá com os Estados Unidos, mas não sai do poder. Aqui, o ex-todo poderoso José Dirceu faz festa para comemorar 78 anos com discurso prometendo mais poder. Reaparece sentado na mesa do Senado Federal. O tempo não passa para alguns políticos. A morte para eles será sempre uma surpresa.

Grandes impérios deixaram marcas. Gregos e romanos criaram sistemas de governo. Napoleão, o corso, fez a guerra contra as monarquias, mas deixou seu código civil bem escrito e fundamentado. Morreu sozinho na ilha da Ascensão, no meio do Atlântico, território inóspito, longe de qualquer área habitada. Hitler, que imaginou o Reich de mil anos, suicidou-se quando os russos estavam dentro de Berlim, 12 anos depois de tomar o poder. A experiência soviética que abraçaria o mundo se dissolveu e virou história. O comunismo resiste na China, na sua inesperada versão capitalista e disputa com os Estados Unidos a hegemonia no mundo das finanças e da alta tecnologia. Nada parecido com os vaticínios de Marx.

Tudo passa e tudo muda. O presidente Lula, na sua terceira versão, está cada vez mais parecido com o idoso que se acha na posição de dizer tudo o que vem à cabeça. O mundo se transforma em velocidade estonteante. A inteligência artificial e seus filhos estão desafiando os velhos e cobrando ousadia dos jovens. Os conceitos arcaicos desaparecem lentamente, mas o presidente acha que a queda de sua popularidade deriva apenas de um problema de comunicação. Ele está fora do tempo. Não percebeu que os ventos mudaram.

Lula não está preparando um sucessor nem estabelecendo objetivos para o Brasil nas próximas décadas. Ele queimou eventuais sucessores. Não demarcou o terreno por acreditar que chegará ao quarto mandato sem maiores problemas. É um desafio pesado. Não se deve apostar contra o tempo. Quem comete essa ousadia costuma perder. Os líderes da nova República foram embora. Restam poucos. Em posição de mando, só Lula. O presidente está magro, bem cuidado e elegante.

Mas o tempo passa para todos. Biden e Trump estão, os dois, desafiando os desígnios do destino. Estão jogando a maior economia do mundo numa situação de risco extremo. O Brasil corre o mesmo risco. As gerações se sucedem de maneira natural, ou não. Mas sempre se sucedem. Um Lula com mais de 80 anos, defendendo projetos dos anos 1970 é o fim do sonho petista e o desastre nacional. Renovar é preciso. É perda de tempo brigar com o calendário. Vinicius ensinou que a vida é um caminho entre dois túmulos, os dos pais e o seu. Além disso, só história.



## História e filosofia da educação

» ARNALDO NISKIER

Membro da Academia Brasileira de Letras e presidente emérito do CIEE/RJ

Durante 35 anos, fui professor da Universidade do estado do Rio de Janeiro. Passei pelas cadeiras de geometria analítica, administração escolar e história e filosofia da educação. Nesta última, fui catedrático, e isso me honrou muito. Aproveitei a experiência adquirida e elaborei, com o apoio da Editora Vozes, um livro sobre essa importante matéria.

Quem gosta de educação há de apreciar o conteúdo dessa obra. Cuida de temas preciosos, como a ética e a filosofia da educação, os principais filósofos gregos, a maiêutica, Aristóteles e o propósito da educação, metafísica, Tomás de Aquino, a suma teológica, antropocentrismo, René Descartes, Rousseau e John Dewey, Gramsci, José de Anchieta, o ensino no século 19, Anísio Teixeira e a fundação da Universidade de Brasília, Carneiro Leão, Júlio de Mesquita, Fernando de Azevedo e a sua grande obra sobre a cultura brasileira, Roquette Pinto, Cecília Meirelles, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pedagogia do oprimido, Paulo Freire, inteligência emocional, a escola do futuro,

o ensino da literatura, temas transversais e a cultura da inovação.

Como disse a professora Manoela Ferrari, precisamos prestar mais atenção aos postulados da educação, pois é o futuro do Brasil que está em jogo. Deseja-se a valorização do espírito humano, e, no caso, os cuidados com a educação são fundamentais. A presença da inteligência artificial representa uma forte aliada nesse processo.

Os filósofos da educação são unânimes em afirmar que a educação deveria considerar as realidades do mundo, ao mesmo tempo perguntando qual mundo, uma vez que a realidade é fragmentada. Devemos ser sinceros com o julgamento da presença, na pedagogia, de educadores como Paulo Freire e Anísio Teixeira, para só citar esses exemplos, de autores que são acusados de "esquerdismo", quando o mais justo seria enquadrá-los como pioneiros.

Os mesmos critérios deveriam ser aplicados aos padres jesuítas, nos primórdios da nossa civilização. Os padres não pouparam esforços para aprender, com a maior rapidez possível, a língua do "gentio".

Ensinavam a ler a escrever, simultaneamente, com a doutrina cristã. E, assim, nasceram os primeiros colégios. É a história que o livro procura desvendar.

A educação pode ser um instrumento poderoso tanto de emancipação individual como de subserviência ao sistema de governo. Tanto é libertação como sujeição do indivíduo ao poder e às normas do Estado. No primeiro caso, torna o indivíduo reflexivo e crítico; no segundo, transforma-o em parte da massa. A educação é uma experiência própria ou o resultado de experiência doutrinária e da propaganda.

De um modo ou de outro, a educação envolve considerações éticas, epistemológicas e até mesmo metafísicas. As primeiras referem-se ao processo educacional em seu conjunto social ou político e em suas dimensões religiosas e morais. Quando se fala de motivação da aprendizagem ou dos objetivos da educação, fala-se de problemas éticos ou de valor. Ou ainda, trata-se de filosofia prescritiva, porque vai estabelecer padrões capazes de aferir valores ou julgar comportamentos.